

ALTERAÇÕES NA IDENTIDADE FEMININA À LUZ DA MÍDIA TELEVISIVA DOS ANOS 80

CHANGES IN FEMALE IDENTITY IN THE LIGHT OF TELEVISION MEDIA IN THE EIGHTIES

Adriana Conceição Silva Costa

Mestre em Estudos da Mídia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Professora da Faculdade de Ciências Cultura e Extensão do Rio Grande do Norte
E-mail adrimm32@hotmail.com

RESUMO

Trata-se, neste trabalho, de refletir sobre a identidade feminina na mídia televisiva e suas possíveis alterações visualizadas através de personagens protagonistas de uma novela e uma série – a saber: Roque Santeiro e Malu Mulher – veiculadas na década de 1980 na televisão brasileira. Esse período da história do Brasil pontua-se pelo fim da censura imposta pela ditadura militar e pelo período de leve abertura democrática. Este trabalho apoiou-se inicialmente na metodologia etnográfica - lembrando que esta tem como preocupação abordar as atividades práticas, as circunstâncias e o raciocínio sociológico que se desenvolve pelos atores no curso de suas atividades cotidianas - e a análise do discurso. Como ferramentas metodológicas um grupo focal composto por oito mulheres, que na década de 1980 eram adolescentes e consumiam os produtos televisivos que são alvos desta pesquisa. Também foram utilizados dados estatísticos para amparar a discussão. Há uma breve caracterização de dois personagens protagonistas dos programas citados, visando a uma caracterização da imagem feminina nesses programas e suas possíveis implicações na formação identitária da mulher, nos dias atuais.

Palavras-chave: Identidade. Mulher. Televisão.

ABSTRACT

The proposal of this work is to reflect about female identity on television media and its possible changes visualized by characters involved in a soap opera and a series – named as, Roque Santeiro and Malu Mulher - presented in the 1980s on Brazilian television. This period in the history of Brazil was marked by the end of censorship imposed by the military dictatorship and the real beginning of democratic period. This work was supported initially in ethnographic methodology - remembering that this method concerns to approach in the practical activities, circumstances and

sociological reasoning developed by the actors through their daily activities - and discourse analysis. As methodological tools, the research focus were woman, who in the 1980s were teenagers and consumed the television products. We also used statistical data to the discussion. There is a small characterization of the protagonists in the two mentioned programs, in order to a characterization of the female image in these programs and their influence for identity formation of women nowadays.

Keywords: Identity. Wome. Television

1 INTRODUÇÃO

Ser discreta, estar sempre bonita, disponível ao marido e a toda a família eram características as quais toda mulher deveria possuir. E esta imagem foi reforçada durante muito tempo pela mídia televisiva, que veiculava uma identidade feminina reprimida pela força do patriarcalismo¹. Durante muito tempo, a condição feminina era subordinada ao sexo masculino e muito arraigada em uma tradição secular apoiada nas religiões e nos sistemas moralistas, simultaneamente, ao desenvolvimento das técnicas e dos modos de produção do capitalismo industrial. O controle e a opressão do sexo feminino eram muitíssimo necessários a este sistema.

Na sociedade contemporânea, o rito rejeita o dualismo primário desta oposição radical entre imaginário feminino e masculino. E torna-se mais pertinente discutir aqui as questões relativas ao gênero.² Castells (1999) diz que houve na sociedade de informação midiática “um enfraquecimento do modelo familiar baseado na autoridade/dominação continuamente exercida pelo homem”. E pontua este fato como sendo comum a quase todas as sociedades, potencialmente, a partir da década de 1990. Este texto problematizará transformações nas práticas sociais no universo feminino a partir da audiência televisiva. Recorta um momento importante na televisão brasileira para observar tais mudanças nas identidades femininas, relacionadas à recepção³ das personagens anteriormente citadas.

O estudo discute de que forma personagens protagonistas da telenovela Roque Santeiro e do seriado e Malu Mulher, veiculados nessa década, apresentaram inovações que podem ter contribuído na reconstrução da imagem da mulher na televisão brasileira. A abordagem etnometodológica dialogará com os Estudos Culturais, sob a perspectiva dos Estudos Culturais ingleses, que são concebidos como a apreensão da dimensão sociocognitiva da cultura no contexto e na época em que está inserida. Também, observa-se o modo como as reconfigurações culturais se apresentam na forma de instituição social.

Mudanças no cenário político e econômico, bem como as transformações tecnológicas promovem alterações tanto no modo de produção do entretenimento televisivo, como na relação do meio com os telespectadores, que mudam suas preferências, adotam novos critérios de avaliação e novas formas de consumo dos programas. Tais mudanças, articuladas aos processos sociocognitivos contemporâneos sinalizam novas reconfigurações nos protocolos de mediação e recepção.

Tal perspectiva sobre os modos de ver e produzir imaginários em programas televisivos dirigidos à mulher se deu a partir da relação destas autoras com grupos de estudantes do ensino superior em uma universidade particular do Rio Grande do Norte, na grande Natal, que expressaram mudanças em seus cotidianos a partir da recepção de tais programas. A observação que iniciou este trabalho, ainda incipiente, amparou-se nos interacionistas⁴ entendendo que o conhecimento sociológico só pode ser percebido pelo pesquisador a partir da observação direta das interações entre os atores sociais e suas ações práticas e, principalmente, do sentido que eles atribuem aos objetos, às situações, aos símbolos que os cercam, já que desse modo constroem seu mundo social.

Neste primeiro momento arrolamos a aproximação com os Estudos Culturais para compreender os hábitos de consumo televisivo – e, por conseguinte, os lugares que a recepção ocupa no processo comunicativo. Especificamente a relação entre comunicação, cultura e consumo televisivo. A experiência como docente desse grupo de mulheres, adultas, que retornaram à universidade - depois de cumprirem suas funções de esposas e mães - permitiu observarmos questões tais como a institucionalização dos costumes a partir da relação criada entre programas televisivos destinados ao público feminino e a sua relação com a sociedade e o tensionamento que envolve essa relação. É a partir dessa observação que os programas analisados, e mais especificamente a telenovela⁵, é compreendida neste trabalho, levando em conta suas transformações a partir de uma relação que se estende à sociedade e à cultura.

1 DE VOLTA ÀS ORIGENS

O universo feminino era restrito a casa, ao cuidado com os filhos e ao cuidado com o marido. Mulheres, que por algum motivo não se casavam, viviam à margem da sociedade. Um exemplo marcante dessa segregação sexual, imposta pelo meio, é a história da cultura amazônica no Brasil. Contam as lendas e os historiadores, que quando Francesco Orellanos desembarcou na região em expedições pré-colombianas, o que encontrou no lugar eram mulheres guerreiras, que por não terem sido desposadas, viviam em grutas escondidas – as amazonas das cavernas

(D'EAUBONNE, 1977, p. 69), que deram origem ao próprio nome da região. Elas se entocavam e não faziam dos homens prisioneiros senão para se fazerem fecundar e sacrificarem os filhos varões ou o esposo efêmero em uma espécie de ritual matrilinear.

Se na origem da nossa evolução cultural convivemos com as históricas amazonas e com o esquema universal do patriarcado, que possui um conjunto de tabus contra a sexualidade feminina, em outras sociedades modernas podemos constatar a essa vigência. A reflexão seguinte, para chegarmos ao tema das mudanças culturais produzidas pelo imaginário midiático, incide sobre a reorganização dos espaços públicos e privados na vida cotidiana. Habermas (2003) desenvolveu a teoria da esfera pública, descrita por ele como a instância mediadora entre o estado e a esfera privada.

A esfera pública à qual ele se referia era política em sua natureza. Mas a questão relevante é pontuar que as mulheres não faziam parte daquela esfera e esse não era um fato novo. Thompson (2001, p.13) relata que na antiga Grécia mulheres, escravos e estrangeiros não podiam participar das discussões sobre o bem comum, na Idade Média a leitura era vista como perigosa para grupos subordinados - incluindo-se nesse grupo as mulheres e tal perigo exacerbava-se quando se tratava de leitura de ficção, pois esta poderia acarretar no público feminino emoções perigosas. (BRIGGS e BURKE, 2004 P.70)

Não obstante, na Contemporaneidade, pode-se observar que as questões relacionadas ao gênero vêm sendo repensadas, e muito discutidas em diversos estudos. Assim mesmo, sabe-se que há muito que ser debatidas. (FRASER, 2002, p. 63.) diz que um conceito amplo de gênero que incorpore a diversidade de femininos e feminismos historicamente construídos, deve corresponder "um conceito de justiça tão abrangente quanto, e que seja capaz de englobar igualmente a distribuição e o reconhecimento".

A Pós-modernidade com sua dinâmica de fragmentação desconstrói também os sujeitos sociais antes estabelecidos e emergem uma multiplicidade de sujeitos amparados nas representações simbólicas apresentadas na mídia televisiva brasileira.

Quando se observam as alterações na identidade feminina, um período importante a ser considerado são os anos 80⁶. Essa década, no Brasil, apresenta especial importância política; ideológica, comportamental e alguns personagens femininos de programas televisivos desta época são o alvo da análise do presente artigo – a saber: Roque Santeiro⁷ e Malu Mulher⁸

Sob a perspectiva da etnometodologia os símbolos utilizados para nossa comunicação não se encontram estabelecidos em normas de comunicação preexistentes, mas são produzidos por processos de interpretação e assim constroem-se, saindo de um paradigma normativo

(parsoniano⁹) para um interpretativo (etnometodológico). Os símbolos produzidos e códigos utilizados estabelecem uma comunicação inteligível, interpretando as ações daqueles com quem estabelecem relação. Tais símbolos são reinventados e adaptados a cada momento.

A etnometodologia analisa as crenças e os comportamentos de senso comum como os constituintes necessários de “todo comportamento socialmente organizado” (Coulon, 1995a, p. 30). Insere-se nessa perspectiva a indiciabilidade, uma vez que no processo comunicacional o uso da linguagem comum na narrativa de suas atividades cotidianas fornece “índices” que permitem a interpretação tirando o seu sentido do próprio contexto.

A reflexividade designa a equivalência entre descrever e produzir uma interação, entre a compreensão e a expressão dessa compreensão (Coulon, 1995a, p. 42), dessa forma a reflexividade de sinais produzidas pelos atores é que origina as ações sociais, sendo, portanto o produto social que deve ser analisado numa pesquisa etnográfica. Para isso foi construído um grupo focal composto por oito mulheres como ferramenta metodológica para o início da pesquisa, estas participaram de dois encontros informais – gravados em áudio – no qual discorreram primeiramente sobre suas vidas, de onde vieram, qual estado civil apresentam atualmente e primordialmente sobre a possível influência da mídia em suas vidas.

Ao serem inquiridas pela mediadora e pesquisadora sobre os programas televisivos da época de sua adolescência (os anos 80) todas citaram entre os programas assistidos a novela Roque Santeiro e o seriado Malu Mulher, das oito mulheres entrevistadas seis disseram “invejar” as personagens protagonistas pela audácia e coragem; e duas disseram não achar ligação entre tais personagens e sua decisão de voltar a estudar após tantos anos cuidando da família e dos filhos.

Seguindo a linha da pesquisa etnográfica entendeu-se a importância da análise do discurso para uma melhor interpretação da recepção dos programas femininos anteriormente citados e as transformações nas práticas sociais desse universo.

Segundo n1¹⁰: “Quando eu via a Porcina com aquelas roupas berrantes e aquele riso largo, eu pensava que queria ser como ela.”.

Já n2 diz: “Porcina era engraçada porque falava o que dava na telha, fazia o que queria não pensava nos outros”.

Do relato de n3 destacamos: “Assisti todas as novelas dessa época e gostava muito de Roque Santeiro, mas não acho que tem a vê com o fato de tá na faculdade, tô aqui por mim”.

Para n4 “Tá aqui hoje é muito importante pra mim como mulher, e dá exemplo para outras como eu que vieram do interior, e vi aquelas mulheres bem vestidas, sem medo, me fez também querer melhorar”.

N5 fala: “Não vejo assim as novelas foram importantes para o Brasil e as mulheres, mas não tem a vê comigo não acho que essa decisão de hoje vem de lá de trás, não tem que vê com elas”.

N6 diz: “Ah sim! Com certeza elas (as personagens) me fizeram pensar. Até minha sexualidade tem a vê com isso. Quando vi o primeiro casal de lésbicas numa novela fiquei feliz, mas não gostei porque no final uma delas morreu e elas não ficaram juntas.”.

As falas de n7 e n8 não foram citadas uma vez que não formularam discurso estruturado, mostraram concordância através de sinais corporais como balançar a cabeça e dizendo “é mesmo”.

Ao discutir este ponto é imprescindível considerar que a ênfase dada às mulheres na televisão perpassa por diversos fatores, dentre os quais se pode destacar o consumo como o de grande relevância para este estudo. Nestor Canclini (2005 p.14) destaca que o cenário em que reside o consumo contém elementos racionais, econômicos sociopolíticos e psicológicos nas sociedades. Bauman (1999) reforça tal ideia ao dizer que houve um deslocamento da produção em direção ao consumo.

Desse modo, pode-se observar que as mudanças nas telenovelas brasileiras e séries brasileiras dos anos 80 contribuíram, em muito, para a formação de outra identidade feminina diferente das que estávamos acostumados a perceber. Podemos citar Hambúrguer (2007, p.165) quando diz que;

Analisando várias novelas em perspectiva em paralelo às alusões a processos sociais e políticos, é possível detectar uma trajetória de liberalização crescente dos papéis femininos. Ao logo dos anos, as personagens de novela passaram das mulheres casadoiras e mães em potencial a mulheres que se dispunham a seguir seus próprios caminhos.

E as receptoras dos programas destinados às mulheres dos anos 1980 receberam, através da prática social midiática televisiva, variados produtos passíveis de consumo diferentes dos que até então recebiam, e esse fato ampliou, se não gerou uma nova imagem de mulher conforme visualizamos nos diálogos citados.

3 PROTAGONISTAS DE UMA NOVA IDENTIDADE

A década de 1980 apresenta-nos os anos de afrouxamento da censura e os programas televisivos passaram a relatar outros aspectos da sociedade brasileira que antes não poderiam ser abordados. Como exemplo, pode-se falar da personagem Porcina da novela Roque Santeiro. Diferentemente de outras protagonistas, ela não se apresentava como uma mulher casadoira e

maternal, antes vivia sua sexualidade de maneira plena e refletia seu estado de espírito livre através de figurinos coloridos e extravagantes e de um falar exagerado e um riso inconfundível.

Embora a personagem fosse originalmente uma viúva, sua personalidade e seus atos não condiziam com a imagem tradicional da viúva resguardada e solitária. A personagem Porcina ousou tanto que seu final foi amplamente discutido pela emissora que transmitia a novela. Havia uma preocupação sobre qual desfecho seria mais bem aceito na sociedade brasileira, em que os valores femininos começavam a ser modificados.

Isso porque mesmo sendo um modelo feminino diferenciado a personagem Porcina não era totalmente independente, pelo contrário, era sempre lembrada pelo personagem Sinhozinho Malta da sua condição de “viúva de mentira” – portanto submissa -, voltando sempre àquela personagem ao senhorio deste que era de fato seu soberano.

Sobre essa questão podemos citar Sodré (1984, p.131) quando diz que: sobre o efeito da televisão, o que tem historicamente ocorrido é uma adequação de conteúdos progressistas ao projeto do mercado capitalista de socializar ou interagir com os indivíduos na estrutura sociocultural como sujeitos consumidores. Assim, em face do esvaziamento real dos valores tradicionais os “*media*” automaticamente funcionam como garantia de que os elementos do velho pacto social permanecem visíveis, como uma fonte geradora de legitimação para tudo que se diz de novo e para as novas formas de relações sociais articuladas para a “programação” de indivíduos.

Segundo ao autor de Roque Santeiro, originalmente, a personagem Porcina terminaria com o seu fiel empregado, interpretado pelo ator negro Tony Tornado. Mas após algumas reuniões na emissora que veiculava a novela, decidiu-se que essa imagem seria muito forte para a sociedade brasileira em transformação incipiente. Então ainda “presa” a “elementos do velho pacto” citados anteriormente, Porcina continuou como parte integrante dos domínios do Sinhozinho Malta.

Para Kellner (2001), foi a partir do aparecimento da televisão, no Pós-guerra que a mídia ganhou esforços significantes no controle e dominação da cultura, e na formação dos indivíduos, enfim, em toda a vida em sociedade. Nesse sentido, fica claro que as personagens femininas operam alguma influência na formação identitária das mulheres desde os 80 até os nossos dias, quando vemos protagonistas cada vez mais fortes e detentoras de poder.

Esse ponto nos remete a outro importante personagem feminino da década de 1980, a saber: Maria Luiza, do seriado *Malu Mulher*¹¹.

Para Hambúrguer (2007, p.167)), novelas e seriados como *Malu Mulher* fizeram sucesso associando a liberação do feminino com certa ideia de “força” da mulher, que se liberta da dependência exclusiva do homem. Situada no universo despolitizado dos assuntos domésticos, a trajetória de liberalização foi possível em meio e apesar da censura forte imposta pelo regime

militar. Como mexe pouco com relações de gênero propriamente ditas, a novela acaba legitimando um padrão de supermulher: aquela que acumula as funções tradicionais de mãe e esposa com a de provedora, um resultado em muitos sentidos perverso.

A visão tradicional da mulher passa a ser desconstruídas à medida que surgem visões culturais identitárias heterogêneas as quais priorizam a fragmentação da antiga imagem, para Hall (2006, p.10) até o início do século XX quando se falava em identidade, remetia-se imediatamente a ideia do sujeito masculino pautado no iluminismo “o sujeito do iluminismo estava baseado numa concepção humana como indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades da razão, de consciência e de ação”.

Entretanto, hoje há uma fragmentação das velhas identidades em detrimentos de novas que eclodiram não naturalmente, mas entendemos que personagens como Malu -pela representação de força e coragem para enfrentar a vida - apresentaram ferramentas capazes de alterar práticas sociais femininas por meio da identificação. Para JACKS,2002 p.159:

A identidade cultural desempenha um papel fundamental entre o sujeito, individual ou social, e a realidade circundante, mediando os processos de produção e de apropriação dos bens culturais. É essa mediação que garante o significado da produção cultural e o sentido do consumo de bens culturais para determinados grupos, sem a qual torna-se um processo vazio, com o perigo de tornar-se um ato alienado e alienador.

Um exemplo dessa alteração nas práticas sociais femininas é o número crescente de mulheres que ingressam no ensino superior. Segundo dados do IBGE¹² –Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, as mulheres predominam entre os estudantes universitários. Na graduação presencial, elas representam 55,1% do total de matrículas e a 58,8% do total de concluintes. Na modalidade educação à distância, 69,2% das matrículas e 76,2% dos concluintes são do sexo feminino. Esses dados constam do Censo da Educação Superior de 2009.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma entende-se que a produção televisiva dos anos 80 direcionada à mulher representou ponto marcante através de algumas de suas personagens na transformação de uma imagem feminina pré-estabelecida. Houve a partir daí, uma valorização do feminino que influenciou positivamente outras produções televisivas relativas à mulher; bem como na reestruturação da imagem da mulher pós-ditadura militar.

Destacou-se a repercussão de algumas personagens femininas encontradas em algumas produções dessa década, e a possível relação com as mulheres de hoje que ascendem socialmente,

psicologicamente e até financeiramente de um modo geral, o perfil traçado pelos autores para as personagens femininas, nos programas supracitados, reflete mudanças na postura adotada pelas mulheres brasileiras, que parecem estar se tornando cada vez mais visíveis. Percebe-se com clareza que a “invasão” feminina nas universidades brasileiras – em especial por mulheres que eram adolescentes e jovens nesse período – é um importante indicador dessa influência da mídia dos anos 80 na formação identitária da mulher brasileira.

NOTAS

- ¹ Segundo Engels: “A reversão do direito materno foi a grande derrota histórica do sexo feminino. O homem passou a governar também na casa, a mulher foi degradada, escravizada, tornou-se escrava do prazer do homem, e um simples instrumento de reprodução. Essa condição humilhante para a mulher, tal qual como aparece, notadamente, entre os Gregos dos tempos heroicos, e mais ainda dos tempos clássicos, foi gradualmente camuflada e dissimulada”.
- ² Sobre a diferença entre sexo e gênero, Giddens afirma que “o gênero está ligado a noções socialmente construídas de masculinidade e feminilidade; não é necessariamente um produto direto do sexo biológico de um indivíduo”. (Giddens 2005, p. 102 - 103).
- ³ “O novo na retomada dos estudos de recepção, é o tratamento da lógica que reveste o processo de recepção especialmente das classes populares; é trabalhar com a significação da cultura mediática no cotidiano e na cultura de classe; é considerar o receptor o sujeito do processo e da própria pesquisa” (Souza, 2002 p.152)
- ⁴ O interacionismo simbólico ancora-se numa concepção teórica que considera que os objetos sociais são construídos e reconstruídos pelos atores interminavelmente. Ou seja, o significado social dos objetos se deve ao fato de lhes darmos sentido no decurso de nossas interações (Gusser apud Coulon, 1995a, p.16).
- ⁵ Para Leal (2002) “uma questão considero fundamental é que a televisão e a telenovela eram objetos essencialmente domésticos – essas características, para quem está preocupado com o fazer etnográfico, são essenciais. Não importa onde a emissão aconteça, o essencial é que ela é incorporada dentro das casas das pessoas”.
- ⁶ No Brasil, passou-se da ditadura militar à democracia de maneira madura, segura, tranquila. Os exilados chegavam do exterior. De General Figueiredo, passamos pela campanha das Diretas Já, pela frustração de não conquistá-la naquele momento, da emoção da morte do presidente eleito Tancredo Neves. Tivemos que aguentar o vice, vimos nascer o plano Cruzado e até mesmo acabamos virando fiscais do Sarney, acreditando que as coisas poderiam mudar. Foi tempo de nova Constituição e no apagar das luzes da década de 80, acabamos por eleger Fernando Collor de Mello presidente da República Federativa do Brasil.
- ⁷ A história se passa na fictícia Asa Branca, um retrato do Brasil, com suas vantagens e mazelas. Asa Branca vive em função de um falso mito: o milagreiro Roque Santeiro, que teria morrido como mártir defendendo a cidade do bandido Navalhada. Após 17 anos, o falso santo reaparece em carne e osso, causando desespero às autoridades locais de Asa Branca, já que o fim do mito significaria a morte da cidade.
- ⁸ Malu Mulher foi, ao mesmo tempo, o mais polêmico e o mais bem-sucedido em termos de audiência dos seriados que compunham as Séries Brasileiras. Retratava a condição da mulher brasileira no final dos anos 1970, através do cotidiano de Maria Lúcia Fonseca, a Malu, uma socióloga paulista, divorciada e mãe de uma menina de 12 anos. O seriado discutia as relações entre homem e mulher, as dificuldades da vida conjugal e da vida profissional, a educação dos filhos e o conflito de gerações, questões até então inéditas na televisão brasileira.

- ⁹ Para Parsons, nossa comunicação é estabelecida a partir de símbolos que preexistem a nossos encontros, como sistema de referência e como recurso externo, inexaurível e estável (Coulon, 1995a, p.10).
- ¹⁰ Os nomes das entrevistadas foram substituídos como garantia de privacidade de suas respostas.
- ¹¹ Malu era uma esposa e mãe que vivia a sombra do marido machista-dominador que não reconhecia sua capacidade profissional e criativa, no primeiro episódio, *Acabou-se O Que Era Doce*, após uma longa briga ela se decide pela separação, assumindo todos os compromissos da família.
- ¹² Dados coletados do site <http://www.ibge.gov.br/> acessado em 12 de março de 2011.

REFERÊNCIAS

- BRIGGS, A; BURKE, P. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Ambivalência**. 1ª ed. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed.,1999.
- _____. **Modernidade Líquida**. 1ª ed. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 2001.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Paz e Terra, 1999.
- _____. **O poder da identidade**. Paz e Terra, 1999.
- CANCLINI, Nestor Garcia. Definiciones en transición. In: **Cultura, política y sociedade Perspectivas latinoamericanas**. Daniel Mato. CLACSO, Consejo Latino americano de Ciencias Sociales, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. 2005. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/grupos/mato/GarciaCanclini.rtf>. Acessado em: 12 de setembro de 2011.
- COULON, Alan. **Etnometodologia**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis,
- GUESSER, A. H. **Em Tese**, vol. 1, nº 1 (1), p. 149-168 Vozes, 1995a.
- _____. **Etnometodologia e Educação**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, Vozes, 1995b.
- _____. **A Escola de Chicago**. Campinas: Papyrus, 1995c.
- D'EUABONNE, Françoise. **As Mulheres Antes do Patriarcado**. Lisboa, Editora Veja, 1977.
- FRASER, Nancy. **Políticas feministas na era do conhecimento: uma abordagem bidimensional da justiça de gênero**. BRUSCHINI, Cristina e UNBEHAUM, Cristina (orgs.). São Paulo, Fundação Carlos Chagas/Editora 34, 2002.
- GUESSER, A. H. A etnometodologia e a análise da conversação e da fala. **Em Tese**, v.. 1, nº 1 (1), p. 149-168, UFSC, 2003.
- HABERMAS, Jürgen. **Era das transições**. Tradução de Flávio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro. DP&A Editora, 2006.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru: Edusc, 2001.

MYERS, Greg. Análise da Conversação e da Fala, In BAUER, Martin W. & GASKELL, George (org.). **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: Um Manual Prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

ORLANDI, E.P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2005.

SODRÉ, Muniz. **A comunicação do grotesco**. Rio de Janeiro: Vozes, 1971.

____. **A máquina de Narciso**. Rio de Janeiro: Cortez, 1984.

SOUZA, Mauro Wilton de (org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 2002.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade: 1780-1950**. São Paulo: Editora Nacional, 1969.